

Jornalismo por estudantes: estudo de caso do núcleo de educação midiática do Site Coreto com estudantes da rede pública de Poções-BA

Inara Silva Santos¹
João Lázaro Rocha Ferreira²
Juliana dos Reis Santana³
Nayure Brito Soares⁴
Victoria Alves Ferreira⁵
Adalton dos Anjos Fonseca⁶

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Resumo

O fortalecimento da educação midiática nas escolas brasileiras vem se tornando uma necessidade diante da presença constante da informação digital no cotidiano dos estudantes. Nesse cenário, o projeto “.Con”, realizado pelo *Site Coreto* com alunos de escolas públicas de Poções-BA, apresenta-se como uma importante experiência de introdução ao jornalismo, não apenas como prática técnica, mas também como ferramenta de transformação social

Palavra-chave: Cultura digital; Educação midiática; Escolas públicas; Jornalismo Participativo.

Introdução

O presente artigo busca analisar a experiência do Núcleo de Educação Midiática do Site Coreto, projeto realizado com estudantes de duas escolas públicas estaduais de Poções-BA, à luz das competências estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das reflexões críticas sobre a participação digital na Web 2.0. A proposta investigativa se ancora na prática das oficinas jornalísticas realizadas entre outubro e novembro de 2023, visando desenvolver habilidades técnicas e críticas dos estudantes por meio da linguagem jornalística. Este artigo também reflete sobre os limites e potências do conceito de participação ativa no ecossistema midiático

¹Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; ²Graduando em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; ³Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; ⁴Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; ⁵Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; ⁶Professor de Jornalismo na Universidade Estadual do sudoeste da Bahia. Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

contemporâneo, tal como problematizado por autores como José Van Dijk e David Nieborg.

O Site Coreto é uma iniciativa de jornalismo independente, com atuação hiperlocal, voltada à cobertura da cidade de Poções–BA e sua microrregião. Sua criação responde à escassez de veículos jornalísticos na área, como indica o Atlas da Notícia (2021), que classifica a região como um quase-deserto de notícias. Essa realidade revela uma lacuna importante no acesso à informação de interesse público, o que compromete a presença e a circulação de conteúdos jornalísticos de qualidade no âmbito local.

A proposta do Site Coreto está estruturada em três eixos principais: jornalismo, educação midiática e cultura. As ações desenvolvidas nesses campos procuram fortalecer o direito à informação, entendido como pilar fundamental para o exercício da cidadania e a participação ativa da população na vida pública. O veículo orienta sua atuação por uma cobertura ética, descentralizada e aprofundada, guiada por princípios de transparência e compromisso com a verdade.

A partir dessa perspectiva, o projeto “Con - Núcleo de Educação Midiática”, surge com abordagem voltada à formação de estudantes do ensino médio, com ênfase em liderança e educação midiática. Seu objetivo é mobilizar os jovens no combate à desinformação e incentivá-los a transformar sua realidade por meio do acesso e uso consciente da informação. Organizado como uma série de oficinas, com distribuição teórico-prática, os estudantes envolvidos puderam experimentar a produção jornalística.

Indicadores de impacto e percepções pós-projeto

A equipe do Site Coreto utilizou de dois indicadores, para avaliar os impactos do projeto em relação aos estudantes que participaram. Não tivemos acesso ao material relacionado aos indicadores, apenas a sua descrição, que em resumo se configura:

1. Questionário diagnóstico inicial, para identificar o conhecimento prévio dos estudantes, sobre os tópicos que seriam abordados no projeto;
2. Questionário final, após o encerramento de todas as atividades, que mostrou evolução na compreensão sobre jornalismo, apuração e produção de conteúdo.

O Site Coreto não seguiu acompanhando os estudantes após o encerramento das atividades, entretanto alguns efeitos do projeto puderam ser percebidos: alunos do Colégio Eurides Santana criaram, por iniciativa própria, a página no aplicativo Instagram, identificada como @cees_news, voltada à cobertura do cotidiano da escola. Essa ação demonstra a internalização dos aprendizados e o surgimento de uma postura ativa diante da comunicação e da informação.

Educação Midiática como fortalecimento das vozes comunitárias

Em uma sociedade atravessada por múltiplas formas de circulação de informação, entender como a mídia opera e aprender a se posicionar diante dela se tornou uma necessidade urgente. Nesse cenário, a educação midiática se apresenta como uma forma concreta de ampliar a consciência crítica da população e estimular a

participação cidadã nos processos comunicacionais. Esse conjunto de práticas possibilita o desenvolvimento de habilidades para acessar e analisar criticamente informações, produzir conteúdos com responsabilidade e participar de maneira mais consciente e equilibrada do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos.

Mais do que ensinar a usar as tecnologias, trata-se de promover uma leitura crítica dos meios, compreendendo seus interesses, discursos e efeitos. De acordo com relatório da Unesco (2021), desenvolver habilidades midiáticas é essencial para que as pessoas possam interpretar os conteúdos que consomem, reconhecer manipulações e, principalmente, produzir informações com responsabilidade e senso coletivo. O ambiente tecnológico que rege a produção e a circulação de informações está em constante transformação. Hoje, muitas de nossas interações com o mundo acontecem por meio de telas e outros dispositivos, que dão novos contornos a questões centrais para a sociedade — como a defesa dos direitos humanos, o enfrentamento ao racismo e a defesa da liberdade de expressão, que não se confunde com salvo-conduto para desinformação ou discurso de ódio. Entender a dinâmica complexa entre indivíduos, mídias, e os sistemas e estruturas que moldam nosso mundo, e participar desse ambiente com segurança e responsabilidade, é um direito de todos. É aqui que entra a educação midiática.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as práticas de comunicação desenvolvidas nas comunidades, onde a palavra e o direito de se expressar são discutidos cotidianamente. Em espaços historicamente invisibilizados, a educação midiática tem um papel transformador: ela não só ajuda a decifrar as mensagens que vêm de fora, mas também fortalece as narrativas locais, possibilitando que a população se reconheça como sujeitos autônomos e produtores de sentido.

Iniciativas independentes e coletivos de mídia local vêm apostando nesse caminho. Projetos como o do Site Coreto demonstram que é possível unir formação crítica, produção colaborativa e escuta das realidades periféricas. São experiências que não apenas informam, mas criam pontes entre saberes, aproximando o jornalismo da realidade das pessoas.

A pesquisadora Raquel Paiva (2019) destaca que comunicar, nesses contextos, é também um ato pedagógico, pois envolve aprender e ensinar ao mesmo tempo. É nesse encontro entre saber popular e técnica jornalística que a educação midiática se torna uma aliada da autonomia comunitária.

Mais do que uma proposta educativa, ela representa uma forma de resistência: ao formar leitores e produtores críticos, contribui para a construção de uma comunicação mais justa, onde todos tenham a chance de participar ativamente da construção das narrativas que os representam.

Necessidade de democratização da Comunicação

Mais do que um debate técnico sobre regulação ou infraestrutura, democratizar a comunicação significa enfrentar estruturas de poder simbólico que moldam como a realidade é apresentada e interpretada pela população. Como apontam Demarchi e Kerbauy (2018), a Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), realizada em 2009, foi um marco ao reunir Estado, empresas e sociedade civil para discutir propostas de um novo marco regulatório para a mídia. Contudo, os avanços não se materializaram em políticas públicas concretas, barrados pela resistência de conglomerados midiáticos e pela ausência de vontade política em promover mudanças estruturais.

Essa resistência institucional, porém, não impediu o florescimento de iniciativas alternativas. Coletivos, rádios comunitárias, agências independentes e mídias populares seguem desafiando a lógica hegemônica ao propor novas formas de comunicar e representar a realidade. O site VioMundo (2014), divulgou a pesquisa “A Cara da Democracia” (IDDC, 2024) revela que 27% da população brasileira já considera as redes sociais sua principal fonte de informação política — dado que, embora levante alerta sobre desinformação, também evidencia a descentralização da mediação jornalística tradicional.

Nesse cenário, educação midiática, regulação democrática e políticas de fomento à produção local são dimensões centrais. Democratizar a comunicação envolve garantir o direito de todos e todas não apenas ao acesso à informação, mas também ao direito de expressar, criar, circular e disputar narrativas. Isso passa por reconhecer que comunicação é também território de disputa e resistência.

O estudo de Demarchi (2017) destaca que o movimento pela democratização da comunicação opera como rede social contra-hegemônica, articulando-se em fóruns, conferências e ações locais. Esses movimentos têm atuado para garantir a pluralidade de vozes nos meios de comunicação, propondo marcos regulatórios que enfrentam a concentração midiática e incentivem práticas comunicativas mais inclusivas.

Mais do que apenas denunciar desigualdades, essas iniciativas constroem alternativas. São práticas que desafiam o monopólio da voz, e, ao mesmo tempo, empoderam comunidades historicamente silenciadas. Em uma sociedade profundamente desigual, o direito à comunicação precisa ser entendido como um pilar da cidadania, condição para a construção de uma democracia real, plural e participativa.

Protagonismo Comunitário na Comunicação

Desde as décadas de 1960 e 1970, rádios comunitárias, jornais de bairro e outras formas alternativas de mídia vêm sendo utilizados por comunidades para se organizar, lutar por direitos e disputar narrativas (Lima; Lopes, 2007). No Brasil, a criação da Lei das Rádios Comunitárias (Lei 9.612/1998) foi um marco legal importante nesse processo, ao reconhecer e regulamentar a atuação dessas emissoras, mesmo diante de inúmeros desafios legais e técnico

A comunicação comunitária, portanto, não se limita a informar, ela mobiliza, educa e transforma. E o que a torna ainda mais significativa é seu caráter horizontal e

participativo: a produção de conteúdo é feita pela própria comunidade, com foco nas realidades locais e nas urgências que os meios tradicionais muitas vezes ignoram (Peruzzo, 2013).

O protagonismo comunitário valoriza saberes locais, promove a colaboração e fortalece os laços entre os membros da comunidade. Ele também se relaciona com a valorização da cultura, da memória e das tradições populares. A comunicação, nesse contexto, torna-se um meio para garantir a escuta, fomentar o pertencimento e ampliar a atuação política dos sujeitos em seus territórios.

Experiências como as de cooperativas de comunicação, fóruns populares, organizações de base e movimentos sociais - especialmente a produzida pelo Site Coreto - mostram como a comunicação pode ser usada de forma estratégica na luta por direitos e pela inclusão social. É nesse território que a mídia comunitária e o protagonismo se entrelaçam para gerar autonomia e criar alternativas reais de expressão.

A construção de blogs, rádios, podcasts, newsletters e redes de informação locais não apenas informa, mas educa, empodera e conecta. É nesse ambiente que a comunicação cumpre seu papel político: criar pontes entre o saber popular e os processos democráticos mais amplos.

Como aponta a pesquisadora Raquel Paiva (2019), comunicar é também educar, construir sentido e promover pertencimento. Ao adotar essa visão ampliada da comunicação, abre-se espaço para práticas mais horizontais, inclusivas e transformadoras.

Estratégia Metodológica

Para realizar este estudo utilizamos a entrevista individual em profundidade, como técnica qualitativa de coleta de dados (Duarte, 2005). A fonte consultada foi a jornalista e diretora de jornalismo do Site Coreto, Leila Costa.

O instrumento consistiu em um roteiro semi-estruturado de 18 questões, respondidas via WhatsApp, cujo teor perpassa por aspectos de produção, execução e conceituação do projeto. Abaixo uma pequena amostra das perguntas realizadas:

P1: como o projeto se alinha às diretrizes da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para educação midiática?

P2: quais os maiores desafios operacionais durante a implementação?

P3: Que indicadores estão sendo monitorados para avaliar o impacto de longo prazo do projeto?

A entrevista foi transcrita e, a partir disso, buscamos encontrar nas respostas indícios de presença dos tópicos: educação midiática, jornalismo participativo, protagonismo comunitário e democratização da comunicação, a fim de compreender se o projeto de fato era consoante a essas práticas.

Além disso, tivemos acesso aos produtos feitos pelos estudantes, a fim de observar se as pautas se alinham com esses objetivos, sem necessariamente o interesse de uma análise aprofundada.

Objetivos pedagógicos do projeto

A execução do projeto se desenvolveu em quatro oficinas, direcionadas pelos seguintes objetivos: (1) Despertar olhar crítico e instigar a responsabilidade social da juventude, (2) Trabalhar a potencialização do jornalismo como ferramenta de transformação social, (3) Estudar o trajeto técnico do jornalismo e a importância de todo o processo para o produto final: a notícia, (4) Aplicar conhecimento, na prática.

Tais objetivos dialogam com a competência geral núm. 5, indicada pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC, correspondente ao item “Cultura Digital” (Revista Educação, 2018), que envolve a capacidade de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de maneira crítica e ética. Nesse sentido, a oficina cumpriu papel fundamental ao inserir os estudantes em práticas de produção de conteúdo, discussão de problemas locais, e estruturação de pautas com base em critérios de relevância social.

A oficina estruturou-se em quatro encontros, cujas atividades buscaram, sobretudo, mobilizar o protagonismo juvenil e estimular o senso de responsabilidade social dos participantes. Segue abaixo a descrição detalhada de cada oficina:

1ª Aula: Sensibilização - O lugar onde eu vivo (ministrada pela jornalista e pesquisadora, Andressa Oliveira): O aluno deveria relatar um problema existente no meio em que estão inseridos através da identificação, com olhar crítico, de problemas existentes no lugar onde moram; questionar a responsabilidade social em relação ao lugar onde moram; como os jovens podem atuar em busca de mudança para suas comunidades; proposições de soluções para os problemas.

2ª Aula: “Potencialização - O jornalismo como ferramenta de transformação” (ministrada pela diretora de jornalismo do Site Coreto, Leila Costa): Compreensão da importância do jornalismo e o seu papel social; discussão sobre o poder da informação; discussão sobre como a era digital influencia a compreensão de mundo; explicação sobre os principais gêneros jornalísticos utilizados no Site Coreto.

3ª Aula: “Caminhada - O trajeto técnico da produção jornalística” (Ministrada por Leila Costa, com auxílio das estagiárias do site, Nataly Leoni e Daniela Palmeira): exploração e explicação de três elementos fundamentais: pauta, apuração e entrevista; aprender a escolha de histórias, recortes de relevância social, como realizar coleta de informações e dados; compreensão do questionar, ouvir e extrair informações.

4ª Aula: Prática: criação de pautas em grupo, com base nas discussões anteriores; planejamento de ação: “quem e onde procurar informação?”; escolha da abordagem e formato ideal de construção.

Os produtos finais – reportagens desenvolvidas pelos estudantes e publicadas pelo Site Coreto – abordaram questões locais. As pautas foram construídas com base nos problemas identificados pelos próprios estudantes em seus contextos. Essa abordagem favoreceu a apropriação do conteúdo pelos jovens, demonstrando o potencial das oficinas para integrar saberes escolares à realidade cotidiana dos participantes. Segue uma tabela apresentando detalhes da produção:

Tabela 1: Datas e pautas

DATAS	As oficinas foram realizadas entre 18 de outubro e 10 de novembro de 2023; Matérias produzidas foram entregues em dezembro de 2023.
PAUTAS COLÉGIO ROBERTO SANTOS	1: “Baixo volume de chuva em 2023 afetou a vida de moradores da zona rural de Poções com a falta d’água” 2: “População relata dificuldades no acesso a medicamentos gratuitos em farmácias populares em Poções”
PAUTAS COLÉGIO EURIDES SANTANA	3: “Falta de iluminação pública causa insegurança e preocupação a moradores de Poções” 4: “Incêndios em lixo afetam o equilíbrio ambiental e a vida dos moradores de Poções”
PERÍODO DE PUBLICAÇÃO PELO SITE CORETO	Realizado no início de 2024, entre os meses de janeiro e fevereiro. Listados por ordem de data: 3: 18/01 1: 23/01 4: 30/01 2: 08/02

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Análise da conjuntura

Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias de informação e comunicação tem transformado profundamente as práticas jornalísticas, especialmente no que diz respeito à relação entre emissoras e audiência. A rigidez dos modelos tradicionais de transmissão de notícias deu lugar a formatos mais dinâmicos, interativos e colaborativos, nos quais o público deixa de ser apenas receptor passivo para assumir um papel mais ativo e influente na produção de conteúdo (Tourinho, 2007; Verón, 2005). Nesse contexto, emerge o conceito de jornalismo participativo, que redefine os limites entre emissores e receptores e propõe uma nova lógica de mediação, sustentada pelo engajamento direto do cidadão na construção da notícia.

Com o advento da convergência digital, o telespectador passa a ser concebido como um "dispositivo de enunciação", capaz de interagir com o conteúdo, comentar e participar da construção das mensagens, rompendo com o modelo tradicional de comunicação vertical (Verón, 2005).

Esse novo cenário revela uma reconfiguração do jornalismo, que passa a depender cada vez mais da interação com o público e da apropriação das ferramentas digitais para legitimar sua atuação. Como aponta a análise das fases da televisão

(Mattos, 1982), a etapa mais atual representa não apenas uma transição tecnológica, mas também cultural, em que o público assume papel ativo na mediação da informação.

Apesar da importância social de um projeto como esse, a sua realização esbarrou em algumas limitações, as mais notórias, destacadas na entrevista foram:

1. Realidade escolar: por serem desenvolvidas em colégios com ensino integral implementado, as oficinas tinham de ser realizadas em horário extra, após a rotina diária obrigatória. Além disso, o calendário escolar rígido, estabelecido pelo governo do Estado, por vezes impedia a realização das oficinas em determinadas datas, o que gerou alguns adiamentos.
2. Custos: o projeto foi viabilizado por um edital, com baixo recurso, focado em custos operacionais. Impossibilitando, inclusive, o pagamento dos profissionais envolvidos, que realizaram em maioria trabalho voluntário.
3. Estrutural: para as oficinas, o Site Coreto não dispunha de equipamentos próprios, sendo necessário o empréstimo por parte das instituições envolvidas. Outro ponto destacado é o fato de Site Coreto concentrar suas atividades de forma virtual, pois ainda não possui uma sede (redação), o que impediu de permitir aos estudantes uma experiência de redação efetiva.
4. Deslocamento: em razão da ausência de transporte próprio para o projeto, a equipe necessitava realizar certos esforços para realizar as atividades, uma vez que as duas escolas se encontravam em pontos geográficos distintos dentro da cidade de Poções–BA (aproximadamente 2 km).
5. Prazos: Uma vez viabilizado por edital, o projeto teve de ser concluído no período determinado. A equipe notou a necessidade de, pelo menos, mais duas aulas, que não puderam ocorrer em relação ao prazo. O acompanhamento da produção dos estudantes foi feito de forma autônoma e remotamente.

A proposta do projeto do Site Coreto dialoga com o que a BNCC propõe sobre cultura digital, mas encontra ressonância e tensões nas reflexões teóricas da área. Van Dijck e Nieborg (2009) questionam a suposta centralidade da participação ativa na Web 2.0, observando que grande parte dos usuários ocupa posições de observadores, não de produtores de conteúdo. Em suas análises, mesmo entre plataformas que promovem intensa atividade midiática, como redes sociais, a maioria dos usuários realiza apenas atividades consideradas “periféricas”, como curtir, compartilhar ou assistir. Essa constatação desafia visões idealizadas de uma internet “democratizadora” do ponto de vista da produção midiática.

Segundo esses autores, a criação de conteúdo por usuários é muitas vezes superestimada: há um número reduzido de pessoas que realmente produzem, enquanto a maioria consome, observa ou compartilha. Trata-se do que chamam de “participação periférica”, em oposição a uma participação significativa, onde há engajamento crítico e produção autêntica. Mesmo assim, esses comportamentos periféricos não devem ser descartados como irrelevantes. Pelo contrário, eles podem indicar formas legítimas de aprendizado e envolvimento, sobretudo em contextos educacionais.

No caso das oficinas do Site Coreto, essa teoria se conecta diretamente ao processo de recepção e apropriação do conteúdo pelos estudantes. Embora nem todos tenham publicado reportagens ou seguido na produção jornalística, os questionários aplicados ao fim do projeto mostraram mudanças significativas no entendimento sobre o papel da mídia e o processo jornalístico. Nesse sentido, a participação periférica pode ser vista como etapa legítima de aprendizagem.

Van Dijck e Nieborg também apontam para os riscos da conversão da audiência em consumidor, onde a produção de conteúdo se torna uma mercadoria e o engajamento do público é orientado por lógicas de mercado. O projeto analisado aqui, ao promover oficinas baseadas na realidade local e orientadas por valores públicos e sociais, representa um contraponto a essa lógica, reforçando o papel da mídia como instrumento de cidadania e não apenas de consumo.

Considerações finais

As oficinas do Site Coreto demonstraram que, mesmo diante de limitações estruturais e orçamentárias, é possível mobilizar práticas de letramento midiático que envolvam os estudantes de maneira significativa. A análise teórica de Van Dijck e Nieborg permite compreender que a participação ativa em ambientes digitais é mais complexa do que aparenta, e que práticas consideradas periféricas podem carregar grande potencial formativo.

Integrar o jornalismo à educação básica como ferramenta crítica e prática estimula nos estudantes não apenas habilidades técnicas, mas também o senso de pertencimento e de responsabilidade social. Assim, projetos como esse reforçam a urgência de políticas públicas que invistam em educação midiática de base, de modo a formar cidadãos capazes de atuar com consciência no ambiente informacional contemporâneo.

Referências

- AGÊNCIA MURAL. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br>
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- DEMARCHI, Carlos Henrique. **Movimentos sociais e democratização da comunicação no Brasil: desafios contemporâneos**. Revista Extraprensa, v. 12, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/139703>
- DEMARCHI, Carlos Henrique; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. **A democratização da mídia no Brasil pós-Confecom (2010–2017): um estudo de caso**. Revista Mídia e Cotidiano, v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9863>
- INCT; IDDC – Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação. **A cara da democracia [relatório de pesquisa]**. Belo Horizonte: IDDC, 2024. Disponível em: <https://www.institutodademocracia.org/a-cara-da-democracia>
- LIMA, Sérgio; LOPES, José apud OLIVEIRA, Manassés de. **A regulamentação das emissoras comunitárias**. Observatório da Imprensa, 26 maio 2009. Disponível em:

https://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/a_regulamentacao_das_emissoras_comunitarias/

MARCO ZERO CONTEÚDO. Disponível em: <https://marcozero.org>

MARINI, Eduardo. **Entenda as 10 competências gerais da BNCC**. Revista Educação, 2018. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2018/10/05/bncc-competenciasgerais/>

MATTOS, S. M. de. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, política e social**. São Paulo: Loyola, 1982.

PAIVA, Raquel. **Comunicação comunitária: a utopia possível**. São Paulo: Paulus, 2019.

PERUZZO, Círcia M. K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 205–228, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22855>.

TOURINHO, C. M. de F. **Participação, interatividade, abundância e liberdade**. In: _____. *As novas tecnologias da informação: elementos para análise*. Salvador: EDUFBA, 2007.

UNESCO. **Educação para a mídia e alfabetização digital: currículo para professores**. Paris: UNESCO, 2021.

VAN DIJCK, J.; NIEBORG, D. W. **Wikinomics and its discontents: A critical analysis of Web 2.0 business manifestos**. *New Media & Society*, London, v. 11, n. 5, p. 855–874, 2009.

VERÓN, E. **O espaço dos telespectadores**. In: _____. *A comunicação mediatizada*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

VIOMUNDO. **Pesquisa “A Cara da Democracia” revela: redes sociais são a principal fonte de informação sobre política para 27% dos brasileiros**. Viomundo, 2024. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/politica/pesquisa-a-cara-da-democracia-revela-redes-sociais-sao-a-principal-fonte-de-informacao-sobre-politica-para-27-dos-brasileiros.html>